

Amélia Fonseca, responsável pelas Adufeiras de Monsanto, recorda o primeiro encontro com Maria João e Mário Laginha, em 1997. Foi num projecto de Ricardo Pais, director do Teatro de S. João do Porto.

Para este espectáculo contaram com o apoio de uma etnomusicóloga, Salva Castel-Branco, da Universidade Nova de Lisboa. A direcção musical era do pianista Mário Laginha. "Raízes Rurais, Paixões Urbanas" era um espectáculo que tinha a finalidade de mostrar a ligação da música em diversas vertentes.

"Neste espectáculo tivemos a felicidade e a honra de trabalhar com grandes músicos, e em particular com a Maria João e o Mário Laginha", diz Amélia Fonseca.

Recorda ainda aquele espectáculo de hora e meia, sem intervalo, em que cada um entrava no momento exacto, numa simbiose perfeita entre todos. A ligação directa das Adufeiras de Monsanto era com o duo. E tudo começou aí.

O convite para este trabalho já não chegou a ser surpresa, porque depois daquele espectáculo já fizeram outros trabalhos com eles. "Nunca perdemos a ligação desde aí", diz, até porque o espectáculo esteve em diversos locais do



Amélia Fonseca quer preservar o Cancioneiro Monsanto país. Para além disso, deslocaram-se, também a Hamburgo, num Festival onde estiveram representados 18 países. Aqui foi cerca de outra hora e meia em palco e foi também aqui que nasceu a música que agora vai ser incluída no novo trabalho de Maria João e Mário Laginha.

A responsável das Adufeiras diz que é uma honra muito grande gravar com o duo e com o percussionista

norueguês, que também elas conhecem.

Mas, para além desta inclusão no novo trabalho do duo, as Adufeiras de Monsanto vão gravar um CD próprio.

Algo que já pretendiam há muito tempo. "Nós estamos a fazer um trabalho profundo de divulgação e preservação da música tradicional e dos trajes de Monsanto", diz ao "Reconquista" Amélia Fonseca. Só que este

trabalho tem sido feito apenas oralmente, não havendo registo. "As coisas passam de boca em boca e a tradição, por vezes, perde-se. Nós sentimos que a tradição e a música de Monsanto, tão ricas, estão a perder-se", refere.

Daí que tivesse nascido a intenção da gravação de um trabalho. Só que as Adufeiras de Monsanto não tiveram até aqui, nem tempo, nem dinheiro para isso. Também Salva Castel-Branco, da Universidade Nova de Lisboa, tem querido registar estas tradições. O ano passado colocou-se essa hipótese, que não chegou a concretizar-se.

Mas, chegou a altura de realizar o sonho. Com a vinda dos técnicos e material de som da Universal, para gravarem o tema com Maria João e Mário Laginha, juntou-se o útil ao agradável. E as Adufeiras vão, finalmente, ver registadas as modas da sua terra.

Foram gravados 15 temas, mas a saída do trabalho ainda não está agendada. De qualquer forma, Amélia Fonseca quer, acima de tudo, acautelar as tradições de Monsanto. "Acredito que para a editora possa não haver a qualidade desejada, no entanto todos os temas para mim o têm porque vão guardar e ficar para as

pessoas não esquecerem", refere a responsável.

"Senhora do Almortão", "Marcelada", "A velhinha", "Eras tão bonita", "Senhor da Serra", "Oh, és tão linda", "Canção de trabalho da Azeitona", "Maria da Conceição", entre outros onde se inclui, também a "Ausência". Este último tema era uma música que estava perdida e que se conseguiu recuperar 'in extremis'.

Mas, em Monsanto há temas que já não será possível recuperar e outros que o vão ser muito dificilmente. Exemplo disso são as "Janeiras", que aquando do concurso da "Aldeia Mais Portuguesa", foram cantadas a quatro vozes. "Vamos recuperá-las porque a minha mãe, nessa altura, cantou-as. Eu aprendi-as com ela e não as esqueci. Vamos cantá-las embora não seja a quatro vozes", diz Amélia Fonseca.

Foi um dia em cheio, em que as Adufeiras estiveram cerca de quatro horas seguidas a cantar. Não há a certeza da inclusão das "Janeiras" neste trabalho, mas na certeza de que futuramente sê-lo-ão. "Porque as Janeiras que se cantam hoje em Monsanto não têm nada a ver com as genuínas", diz a concluir.

Cristina Mota Saraiva